



DIANTE DO AVANÇO DOS ATAQUES ÀS CONDIÇÕES DE VIDA DAS MASSAS, SOCIALISMO OU BARBÁRIE NUNCA FEZ TANTO SENTIDO.

*Ataques aos direitos, terceirizações, ajuste fiscal
e congelamento de salários é tudo
que o capitalismo pode oferecer*

QUE O CONGRESSO DA CSP-CONLUTAS TERMINE COM UM PLANO DE LUTAS CALCADO NOS MÉTODOS DA LUTA DE CLASSES, PROVADOS HISTORICAMENTE.

Passado o primeiro quartel do século XXI, defrontamo-nos com um cenário de profunda crise. As guerras regionais se intensificam; genocídios são transmitidos em tempo real; posições obscurantistas, aparentemente superadas, retornam com muita força; o colapso ambiental leva situações climáticas extremas; as massas são cada vez mais atacadas em suas condições de vida, tanto em sentido objetivo, quanto em sua subjetividade: Sentimo-nos cada mais adoecidos física e mentalmente e tudo, aparentemente, parece apontar para um beco sem saída. É apenas isso que o capitalismo tardio, cada vez mais putrefato, nos pode oferecer: barbárie e destruição. O imperialismo decadente deste século arrasta toda a humanidade para a autodestruição.

Há alternativa a este cenário? A esquerda hegemônica no mundo, reformista e democratizante, cada vez mais direitizada e

domesticada pelo imperialismo, nem mais reformas conseguem oferecer, retiram todas aquelas concedidas em algum momento e dizem somente que é preciso defender o que já existe para não vir "algo pior". Esta esquerda abandonou (se é que algum dia a adotou) qualquer perspectiva de superação através dos métodos e táticas já historicamente testados, isto é, o marxismo-leninismo e sua continuidade, o trotskismo.

Trazendo para a realidade mais concreta do cotidiano, a relação que podemos fazer com o atual governo brasileiro é evidente. O governo Lula-Alckmin é claramente um governo de ataque às massas. Não tem nada a entregar a estas, a não ser destruição de direitos e piora das condições de vida. Como se não bastasse, este mesmo governo impõe sobre os sindicatos e movimentos sociais – instrumento de luta dos explorados – uma burocracia parasitária que nada faz, a não ser conter o ímpeto das massas e desviar

esse anseio instintivo para caminhos que levaram ao enterro das lutas.

Neste momento se esclarece a importância de uma luta unitária, sob uma política classista, pela unificação do movimento operário e dos trabalhadores sob um programa comum de defesa das reivindicações gerais (aumento salarial, redução de jornada sem redução salarial, defesa incondicional do emprego, etc). É necessário uma central única para superar o divisionismo que está na base do fortalecimento de burocracias governistas, estas que se unem à burguesia na defesa do governo burguês e se subordinam aos ataques desse pela questão eleitoral.

Contudo, o que temos visto é a CSP-Conlutas (nascida já sob a lógica divisionista ao sair da CUT abandonar a maioria da classe operária à política burguesa e de conciliação de classe) , não se diferenciando fundamentalmente de outras centrais. Peguemos o exemplo de um dos maiores e mais relevantes sindicatos do Brasil, filiado à Conlutas, Sindmetal-SJC. Sua prática acaba se submetendo ao inimigo de classe ao negociar melhores condições de PDVs (como nos casos da Embraer e da GM em 2020), ao invés de defender incondicionalmente o emprego; canalizando a luta por via jurídico-parlamentar, esperando que algum político burguês se compadeça da situação dos operários. O caso da Avibrás agora em 2026 também é sintomático: os 1280 dias de greve fizeram seus trabalhadores arrancarem conquistas essenciais - o pagamento dos salários e a possibilidade concreta de retomada da produção - demonstrando, na prática, que a mobilização é capaz de alterar os rumos da empresa e impedir sua destruição. É a partir dessa vitória que se fortalece a perspectiva estratégica: a estatização da Avibras, sem indenização aos acionistas e sob controle dos trabalhadores. No entanto, no acordo assinado pelo sindicato aceita-se a demissão de quatrocentos funcionários. O que acontecerá com os quatrocentos trabalhadores que não serão recontratados neste plano assinado pelo sindicato? O sindicato diz que o horizonte estratégico é de estatização e controle operário da empresa, mas para quando? Sem uma verdadeira política de independência de classe e sem

uma defesa do programa histórico (como a defesa incondicional do emprego), não será possível superar os retrocessos impostos pela burguesia.

No plano internacional, a LIT-QI, à qual é filiada a Conlutas e PSTU, têm posições historicamente problemáticas, para dizer o mínimo. A LIT defende veementemente “revoluções coloridas” e derrubadas de regimes, em favor de um ideal de democracia burguesa em abstrato. Para citar os exemplos mais recentes temos Venezuela e Irã. Diante de dois países oprimidos, pressionados pelo imperialismo norte-americano, colocaram-se até a véspera da queda do regime nacionalista-burguês de Maduro e do regime nacionalista-burguês de feições teocráticas no Irã, regimes esses que, com todos os seus limites, chocavam-se com o imperialismo. Ao ataque deste a estes países, dizem de maneira oportunista e cínica, de um lado, “defender as nações oprimidas” e “pela autodeterminação dos povos”, e dizem, de outro, “não estarem ao lado do governo nacionalista burguês, nem dos EUA/Israel”. Ora, isto é colocar-se na mesma trincheira do Imperialismo, ainda que a intenção proclamada seja o oposto. Defendemos incondicionalmente a defesa da nação oprimida sob ataque, ainda que conjunturalmente seja necessário cavarmos trincheira ao lado de seu governo em choque com o imperialismo. Defendemos, portanto, uma Frente Única Antiimperialista, arregimentando diversos grupos que se chocam com o imperialismo, abrindo assim a possibilidade histórica para que este seja derrotado.

O que fazer, portanto? É necessário que saíamos deste congresso consciente da tarefa hercúlea relacionada necessidade de responder à unidade dos governos e das burocracias majoritárias em se subordinar aos ataques e contrarreformas da burguesia em defesa da democracia burguesa, erguendo a tarefa de construir as oposições revolucionárias para varrer as burocracias e proceder a unificação do movimento sindical por meio de um congresso de delegados de base votados nos locais de trabalho, eleitos e revogáveis, e apresentar um programa classista e revolucionário para a unificação em uma única Central Sindical. ●